



# II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

## **SOBRE FOTOGRAFIA E MEMÓRIA NA CONTEMPORANEIDADE**

**Fabiane da Silva de Souza<sup>1</sup>**  
**Mateus Freitas da Silva Vidigal<sup>2</sup>**

### **Resumo**

Mais do que nunca fazemos e compartilhamos imagens. Esta pesquisa busca pensar a memória a partir das relações com a fotografia na contemporaneidade.

**Palavras-chave:** Fotografia; Dispositivo; Memória; Esquecimento

O trabalho parte do inquietamento diante da compulsiva produção e armazenamento de fotografias na contemporaneidade, sobretudo em nossos telefones celulares. Como essa relação com tantas imagens modifica nossos processos de lembrar e esquecer?

Segundo Bezerra Jr. (2000, p. 92), teríamos perdido a percepção de que nos construímos no tempo e os indivíduos estariam sendo jogados “numa consciência do tempo que se esgota num presente continuado que já não nos remete ao passado, nem nos interroga quanto ao futuro”. Assim, procuramos compreender como a fotografia modifica nossa experiência temporal atualmente.

Temos como objetivos refletir acerca da fotografia na contemporaneidade e as modificações da prática que alteram a relação com a memória, estabelecendo possíveis contrastes entre a relação com a fotografia antes e depois dos celulares; para tanto, partimos de pensamentos de Henri Bergson sobre temporalidade e memória na modernidade e das reflexões de Jonathan Crary sobre a modernização da percepção a partir do século XIX e de seus desdobramentos na memória atualmente.

Buscamos uma aproximação com o que Crary fez em seu livro *Técnicas do Observador* (1990). Portanto, uma tentativa de colher indícios das modificações na percepção e seus impactos na memória, observando o desenrolar desses processos nos séculos XIX e XX e os vestígios e transformações na contemporaneidade.

---

<sup>1</sup>Universidade de Brasília. Orientadora: Cláudia Guilmar Linhares Sanz. E-mail: fabianeedesouza@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade de Brasília. Orientador: Sérgio Araújo de Sá. E-mail: dasilvavidigal@gmail.com



## II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

Estão em questão as fotografias feitas a partir do dispositivo telefone celular. Entendemos dispositivo como Agamben (2009, p. 40): “qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes”.

Pensamos também a fotografia como um dispositivo, que sempre implica, portanto, em um processo de subjetivação. Relacionando a tecnologia a complexas redes de práticas, saberes e discursos, buscamos escapar de reducionismos causais e de tecnofobias.

A partir da abordagem proposta por Jonathan Crary e da noção de dispositivo de Agamben, a pesquisa busca reconhecer marcas das mudanças na experiência de lembrar e esquecer proporcionadas pela fotografia, em uma discussão com autores como Henri Bergson, Walter Benjamin, Mauricio Lissovsky, Maria Cristina Franco Ferraz, Jonathan Crary, Byung-Chul Han, Benilton Bezerra Jr.

Segundo Agamben (2005), a vida cotidiana contemporânea contém pouca coisa que seja traduzível em experiência, por exemplo, a leitura do jornal, os minutos presos no engarrafamento, viagens no metrô, manifestações que bloqueiam as ruas: o homem volta para casa no fim do dia cansado por diversos eventos, mas não tendo nenhum deles se tornado experiência. Isso

não significa que hoje não existam mais experiências. Mas estas se efetuam fora do homem. [...] Uma visita a um museu ou a um lugar de peregrinação turística é [...] particularmente instrutiva. Posta diante das maiores maravilhas da terra, a esmagadora maioria da humanidade recusa-se hoje a experimentá-las: prefere que seja a máquina fotográfica a ter experiência delas (AGAMBEN, 2005, p. 23).

Neste choque entre a experiência temporal moderna e a contemporânea, configurou-se outra relação com a memória: passamos a confiar em “memórias digitais”, em um processo crescente de desconfiança da nossa própria capacidade de memória. Na impossibilidade de reter de outra maneira, fazemos ainda mais fotos, com medo do esquecimento. Ocorre, portanto, um deslocamento da experiência para o dispositivo celular.

Muitas dessas fotos são numerosas e desleixadamente postadas em redes sociais como reflexo da tentativa de alargar o presente. Acabam amontoadas em “memórias” de celulares ou



## II Jornada Discente de Comunicação: Pesquisa em tempo de crise

nuvens, não demarcando laços com possíveis futuros nem com releituras do passado. Nesse excesso de presente desconectado de passado e de futuro, a relação com a memória se apresenta em plena metamorfose.

O presente é atravessado pela feitura de tantas fotos e talvez por isso ele se desmanche, não se vincule à memória pessoal, dificilmente proporcionando momentos transformadores. Haveria ainda espaço para a experiência do esquecimento?

### Referências

AGAMBEN, G. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

\_\_\_\_\_. **O que é o contemporâneo?** e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.

BEZERRA JR., B. A retomada do futuro: Tempo e utopia na subjetividade contemporânea. In: **Mosaico, imagens do conhecimento**. Rio de Janeiro: Ed. Rios Ambiciosos, 2000.

CRARY, J. **Técnicas do observador**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.